

# PIONEIROS

*Histórias de quem fez Brasília*

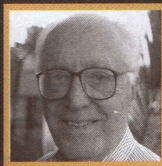


A construção da nova capital atraiu brasileiros de todas as partes dos país. Diariamente eles chegavam, da forma que conseguiam — caminhão, carona, avião —, para tentar a vida na cidade que se formava. Mas mesmo depois de inaugurada, ainda havia muito a se fazer em Brasília. As lembranças deste tempo estão reunidas na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, publicada semanalmente.

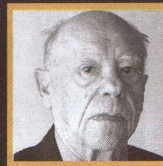
*Annita Lopes  
Tissiani*



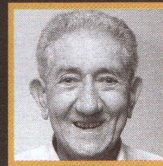
*Benjamim  
Jacob*



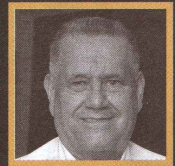
*Edístio Carlos  
Fernandes*



*Jorge Cauhy  
Júnior*



*Pedro Martins  
Borges*



## PIONEIROS



Annita de Sousa Lopes Tissiani

# Beleza e solidariedade em prol de Brasília

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A mudança para Brasília foi com certeza um dos maiores acontecimentos da vida de Annita de Sousa Lopes Tissiani. Em pouco tempo de conversa logo se percebe o entusiasmo e a paixão da pioneira quando o assunto é Brasília. São fotos antigas, recortes de jornais e revistas que ela guarda com carinho de um tempo difícil, mas precioso.

Nascida em Formosa, Annita conta que chegou à cidade em 5 de março de 1957. "Até o dia eu me lembro", ressalta. A primogênita de uma família de nove irmãos veio de lá com o pai, Onofre, e a mãe, Eliezer, em um caminhão. À primeira vista, a vida dos Lopes não seria um mar de rosas. Sem residência fixa, eles fizeram de uma cabana na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) a primeira residência. Era apenas quarto e cozinha. "Moramos num barraco de lona mesmo, eu, meu pai, minha mãe e meus irmãos. Durante o dia, a gente colocava umas cadeiras do lado de fora porque lá dentro fazia muito calor, e à noite dormíamos todos juntinhos", lembra. "Para amenizar o calor, eu tive de fazer um furo na lona do lado onde dormia para entrar um pouco de ar. No início eu me assustei um pouco porque aqui nem casa havia direito, mas de-

Arquivo pessoal



pois, com o tempo, eu fui me acostumando. Hoje eu até gosto mais daqui do que de Formosa, onde nasci", declara.

A primeira ocupação da família foi num açougue. Bem localizado, na Primeira Avenida do Núcleo Bandeirante, a casa de carnes, de propriedade da família, ficava ao lado do único consultório dentário da região, frequentado até pelo engenheiro Bernardo Sayão. "O açougue não tinha nome, era muito sim-

ples, mas bastante conhecido." Foi lá que a filha mais velha do sr. Onofre conheceu o futuro marido, Dirceu. Gaucho de Guaporé, ele andava metros para conseguir uma carne para o churrasco de domingo. "O Dirceu chegou aqui na mesma época que eu e sempre ia ao açougue comprar carne porque era o único que existia na cidade." De tantas compras, o funcionário da Novacap — ele trabalhava na Divisão de Pessoal, como encar-

**EM 1958, ANNITA FOI ELEITA A PRIMEIRA MISS BRASÍLIA. COM SEUS VOTOS AJUDOU A CONSTRUIR A CAPELA DOM BOSCO, NA CIDADE LIVRE**

regado do fichamento dos candangos que chegavam para trabalhar nas obras — acabou se apaixonando pela goiana.

## O concurso de miss

Ao contrário de muitos pioneiros, que reclamavam da falta de lazer na cidade, para Annita nem era preciso andar muito para encontrar uma boa diversão. O único cinema da Cidade Livre, o Cine Bandeirante, ficava praticamente em frente à sua casa, e seu irmão Altair trabalhava lá como operador. "Quando ele trabalhava no cinema, eu ia toda semana. Como eu entrava de graça, assistia até filmes repetidos", lembra.

Em 1958, a pioneira ficou famosa na região. Além de jovem e bela, Annita era solidária com os candangos e movimentos em prol da construção de Brasília. Convidada por religiosas para participar do concurso de beleza beneficente, com objetivo de arrecadar dinheiro para a construção da capela Dom Bosco, no Núcleo Bandeirante, Annita teve de enfrentar a resistência do pai para participar do concurso. "Meu pai era muito sério, não gostava nem que eu trabalhasse. No início ele resistiu, mas quando uma das religiosas esteve lá em casa para pedir sua permissão e explicou que o dinheiro seria usado para erguer a igreja, ele mudou de idéia." Com o aval da família, a candidata do

Núcleo Bandeirante corria a região em busca de votos. "Naquela época os candangos tinham muito dinheiro", afirma. A outra candidata era forte concorrente e representava nada mais nada menos que a Companhia Urbanizadora da Nova Capital — a Novacap. Depois de três apurações, os jurados contabilizavam uma boa quantidade e resolveram dar por encerrada a venda de votos. O sonho dos candangos de construir a capela da Cidade Livre estava cada vez mais próximo, e a noite de coroação de Annita também. A festa aconteceu no Clube Recreativo, na Candangolândia, e contou com a presença dos amigos e do presidente da Novacap, Ernesto Silva, com quem Annita teve a honra de dançar a primeira valsa. No outro dia, com a faixa de miss e o vestido de organza cor-de-rosa, encomendado especialmente em Formosa para o desfile, a pioneira passou o dia posando na Foto Agenor para o fotógrafo, famoso na região pela venda de souvenirs, postais e revistas da construção de Brasília.

Eleita miss, Annita ganhou as páginas do *Correio Braziliense*, em uma matéria intitulada *Os primeiros*, publicada na edição de dia 2 de maio de 1971. A matéria colocou a miss ao lado dos grandes acontecimentos de Brasília, como, por exemplo, o primeiro avião de linha a pousar na

## PIONEIROS

Em 1957, acompanhada dos pais, a pioneira chegou ao local onde seria construída a capital. No ano seguinte, foi eleita a primeira miss da cidade

“**NAQUELA ÉPOCA, A GENTE NÃO TINHA CONDIÇÕES, E POR ISSO NOS CASAMOS SÓ NO CIVIL MESMO, NUMA SALA DA NOVACAP. FOI UMA CORRERIA DANADA. DEPOIS DO CASAMENTO, QUE FOI ÀS 9H DA MANHÃ, EU FUI EMBORA E MEU MARIDO FOI TRABALHAR, PORQUE A CIDADE TINHA DE SER INAUGURADA**

”  
 cidade, a primeira comemoração cívica, o primeiro edifício e a primeira transmissão radiofônica. “Os primeiros não se esqueceram da beleza feminina e, no dia 25 de março (de 1958), o Clube Social Recreativo Bandeirante elegeu a primeira miss: Annita Lopes, filha do comerciante Onofre Lopes”, relatava o jornal.



**ANNITA COM AS FILHAS: UMA VIDA DEDICADA À FAMÍLIA**

O dinheiro arrecadado, segundo Annita, não foi muito, mas suficiente para levantar a igreja. Em janeiro de 1959, a Capela Dom Bosco receberia a visita de centenas de candangos, que foram prestar sua última homenagem ao engenheiro Bernardo Sayão.

### Dedicação à família

O ritmo apressado das obras ditava também o estilo de vida dos moradores. Tudo era feito às pressas. Na cabana de lona, Annita e a família moraram apenas quatro meses, quando então se mudaram para a casa nova que os Lopes construíram na Segunda Avenida. “A casa era de alvenaria e ficava numa esquina. Era tudo terra por perto”, lembra a pioneira. Apesar de pequena — a nova residência tinha dois quartos, uma salinha, cozinha e banheiro — nem se comparava ao barraco de lona de antes.

Do Núcleo Bandeirante, a pioneira guarda grandes lembranças, como a da casa de frente onde morava a matri-

nha de casamento e filha da espiritualista Dona Neiva — a Tia Neiva. “Naquele tempo, ela atendia na própria casa, onde muitas vezes reunia os amigos e vizinhos para uma corrente de oração. Durante as orações, os espíritos desciam em todos, menos em mim, porque eu era medrosa e não acreditava muito.” Annita conta que a Tia Neiva sempre dizia que tinha vindo a esse mundo com uma missão: a de construir uma grande cidade. “E ela cumpriu mesmo essa missão”.

Em maio de 1959, a miss Brasília realizou outro grande sonho, o de se casar. A cerimônia, além de simples e rápida, foi longe dos olhos da família e dos amigos. Só o pai e as testemunhas estavam presentes à cerimônia de casamento, que foi feito pelo juiz Lúcio Arantes. “Naquela época, a gente não tinha condições, e por isso nos casamos só no civil mesmo, numa sala da Novacap. Foi uma correria danada. Depois do casamento, que foi às 9h da manhã, eu fui embora e meu mari-

do foi trabalhar, porque a cidade tinha de ser inaugurada”, conta. “Poderia ter sido inaugurada mais para frente, mas queriam que fosse em 21 de abril...”, acrescenta.

Do Núcleo Bandeirante, Annita foi morar na Vila Planalto, ao lado do marido. A casa, construída em madeira, era toda mobiliada pela Novacap — onde Dirceu trabalhava. Das roupas de cama à geladeira e fogão. Depois de um ano vieram os filhos, segundo ela, um atrás do outro. “Naquele tempo, você sabe, não havia pílula, por isso a diferença entre eles ser de apenas um ano. Então não tinha como trabalhar fora. Eu passava o tempo em casa cuidando deles.”

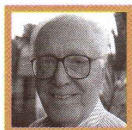
Vaidosa, aos 68 anos, a avó ainda guarda a beleza e a elegância de uma miss que tempos atrás encantou os candangos. Apaixonada por Brasília, Annita revela que, quando chegou aqui, não gostava muito do clima da cidade. “A poeira e o clima seco ressecavam minha pele. No mais, a cidade era muito boa para se viver.”

## Raio X

**Nome:** Annita de Souza Lopes  
**Tissiani**  
**Idade:** 68 anos  
**Origem:** Formosa, Goiás  
**Ano de chegada a Brasília:** 1957  
**Profissão:** Do lar  
**Estado civil:** Viúva  
**Filhos:** Helaine, Indiara, Walquíria, Anaíra, Marina e Dorianá  
**Netos:** Mauro, Cadjia, Dirceu, Frederico, Ana Cláudia, Clara, Natália, Augusto, Pedro, Artur, João, Ugo e Jade

**GDF**

## PIONEIROS



Benjamim Jacob

# Ao lado de Israel Pinheiro, uma grande lição

Arquivo Público



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Se participar da construção de Brasília era um privilégio para muitos pioneiros, imagine trabalhar e conviver com um dos grandes idealizadores da nova capital. O trabalho de Benjamim Jacob na cidade no início da década de 60 foi mais que especial. Foi a convite do sogro e presidente da Companhia Urbanizadora de Brasília — Novacap, Israel Pinheiro, que o pioneiro veio parar na cidade. “Eu trabalhava na Casa Arthur Haas, em Belo Horizonte, e tive alguns problemas na firma, quando ele me convidou para vir trabalhar aqui”, lembra o mineiro de coração. Na futura capital, ele ocupou cargo importante, como chefe do Departamento Industrial na Velhacap. Cabia a Benjamim administrar as pequenas indústrias da região. Uma cerâmica que, naquela época, fabricava os tijolos das primeiras construções, uma serraria, a carpintaria, as fábricas de ração, de doces, conservas e de lingüiça, além de uma máquina de beneficiamento de arroz.

Casado com a filha de Israel Pinheiro — Maria Elisa Pinheiro — e já pai do pequeno Breno, ele não pensou duas vezes e fez logo as malas. A viagem para o Planalto poderia ser tranqüila, não fosse o susto logo na chegada com o bimotor que trazia a família. Israel Pinheiro havia pedido

à tripulação, que seguia para o Rio de Janeiro, que na volta passasse na capital mineira para pegar Benjamim, a esposa, o filho Breno e a empregada da família.

Na volta, já nas proximidades de Brasília, o comandante fez um contato pelo rádio com Israel Pinheiro perguntando se queria que pousasse no aeroporto ou na pista da granja do Ipê. “O dr. Israel não sabia que haviam trocado de tripulação no Rio de Janeiro e disse que poderia pousar lá mesmo na granja do Ipê, que ele já conhecia e tudo mais”, lembra. Conta Benjamim que o piloto não conhecia a pista e por isso fez uma barbaagem. “A pista não deu e ele ia bater nas pedras. Então o piloto deu um cavalo-de-pau e bateu com uma das asas no caminhão que esperava nossas bagagens. Graças a Deus correu tudo bem e só tive um galo na cabeça”, conta aliviado. “Dr. Israel viajava muito naquele avião”, acrescenta. A pista na granja do Ipê foi

improvisada para o presidente da Novacap e para Juscelino, que sempre vinha para Brasília. Sério e durão, Israel já foi logo dando as suas boas-vindas. “Eu achei que ele ia passar a mão na minha cabeça, mas não. Ele disse: ‘Ó judeu, você já chega quebrando meu avião...’ Essa foi a nossa chegada”, conta.

## A residência no Ipê

Quando chegaram, a cidade era um imenso vazio e o pouco que havia dava para contar nos dedos. “Aqui tinha o aeroporto velho de madeira, mas só a pista estava concluída, não tinha nada. Aliás, a cidade se resumia a alguns acampamentos de madeira e as casas da W3 Sul”. No dia seguinte à sua chegada, o carioca levantou cedo, a exemplo do sogro, e foi para a Novacap. “Com Israel Pinheiro não tinha história não. Ele dormia cedo, mas levantava cinco horas da manhã. Ele batia na porta e ia logo entrando e dizendo: ‘me dá

uma gilete aí.’” A casa onde a família morou, além de grande, com cinco quartos, cozinha, sala de jantar e banheiro, era uma das primeiras construídas em alvenaria. “Era uma espécie de galpão. Lá, o dr. Israel sempre recebia gente importante e gente que não acreditava na construção da capital no centro do país. Ele os levava até lá e os convencia de que Brasília seria inaugurada em 21 de abril de 1960.” Juscelino Kubitschek ficava no Catetinho. “Juscelino sempre chegava às 2 ou 3 horas da manhã em seu Viscount. A gente sabia que era ele por causa do barulho do avião”, lembra Benjamim.

O primeiro dia de trabalho na construção da nova capital ficou na memória do pioneiro. De bota curta, solado de borracha e calça e camisa cáqui, a bordo do caminhonete do presidente da Novacap, ele seguiu para a Candangolândia. “Com o Zé Domingos (motorista de Israel Pinheiro) na direção, o dr. Israel na frente

e eu atrás, fomos para o gabinete dele”, lembra. Assim que entramos no escritório, o presidente foi logo dando as ordens. “Faz aí a nomeação do judeu.” Pensando na refeição do dia, o genro já foi logo perguntando a Israel. “A que horas o senhor vai almoçar? Ele virou pra mim e não deu outra. ‘O quê? Eu vou ter que cuidar de menino? Na mesma hora, ele arrumou um jipe velho e colocou à nossa disposição para o trabalho”, diz Benjamim, se referindo ao amigo e colega engenheiro Sílvio Jaguaribe.

Com Israel Pinheiro, o pioneiro tinha que andar na linha. “A gente almoçava e jantava em casa, só que as despesas eram todas bem divididas pela metade entre eu e o dr. Israel. Com ele não tinha conversa fiada não. A gente trabalhava inclusive aos sábados. Não tinha esse negócio de trabalhar até sábado meio-dia”, explica. “Ele estava sempre entretido com alguma coisa. Uma vez, lá no quintal de casa,

UMA DAS FUNÇÕES DE BENJAMIM ERA CUIDAR DA CERÂMICA DA NOVACAP, QUE FORNECIA OS TIJOLOS PARA AS OBRAS DA CIDADE

## PIONEIROS

Genro de Israel Pinheiro, o pioneiro chegou a Brasília em 1958 para trabalhar na Novacap. Aqui, durante a construção, cuidou das indústrias da cidade

A NUMEROSA  
FAMÍLIA FAZ A  
ALEGRIA DE  
BENJAMIM NA  
CAPITAL FEDERAL



ele resolveu construir quatro tanques para a criação de peixes, que depois seriam transportados para o lago. Tinha até tilápia." Além da piscicultura, conta Benjamin, o sogro era devoto de Dom Bosco, fez uma capelinha no jardim da casa. "Até pé de morango ele plantava."

O chefe do Departamento Industrial da Novacap sempre descia para a cerâmica, que ficava a uns 15 km de sua casa, e para a serralaria. Além de supervisionar todos os serviços, Benjamin também atendia os pedidos dos clientes e dos recém-casados, que encomendavam camas. O gabinete, onde o diretor passava boa parte do tempo, ficava num galpão grande de madeira. Lá, ele dividia o espaço com os colegas Clóvis Josaphat Peixoto — contador-chefe — e José Mário Mazzilli, do Departamento de Patrimônio. Ainda bem que trabalho havia de sobra, porque o lazer na cidade era escasso. "Sem televisão em casa, era uma dureza." A diversão de Benjamin não passava de um banho na cachoeira, que ficava ao lado da Granja do Ipê, ou um cavalo, com quem ele brincava nos finais de semana.

#### Mudanças

Com a inauguração de Brasília, o pioneiro e a família tiveram de deixar a residência, que seria reservada para o cardeal de Roma, representante papal enviado especialmente para a cerimônia. Israel Pinheiro e a esposa, Coracy, foram para a fazenda do Torto e Benjamin para a QL 6, no Lago Sul, que pelas contas do novo morador tinha apenas umas quatorze casas. "A gente ia pela estrada de chão, o lago não existia ainda e as ruas não eram

“**COM ISRAEL PINHEIRO NÃO TINHA HISTÓRIA NÃO. ELE DORMIA CEDO, MAS LEVANTAVA CINCO HORAS DA MANHÃ. ELE BATIA NA PORTA E IA LOGO ENTRANDO E DIZENDO: ‘ME DÁ UMA GILETE AÍ’**”

asfaltadas." O jantar dos Jacob era comprado na padaria Bambina, na W3 Sul. "Eu passava à tarde e comprava alguns pães para o jantar e para o café da manhã do dia seguinte. Depois, com o tempo, uma kombi entregava o pão e o leite na nossa porta. Antes da W3 Sul, tudo era comprado no Núcleo Bandeirante. Lá tinha de tudo".

Durante a inauguração, Benjamin foi convidado pelo sogro para chefiar também o Departamento de Viação e Obras da Novacap. Com isso, o pioneiro passou a acumular dois cargos. "Depois de cinco meses, eu fui reclamar para o engenheiro (ex-diretor do Departamento de Viação e Obras) Moacir Gomes e Souza. Eu estava trabalhando em dois cargos e recebendo por apenas um. Ele então me mandou falar com o sogro". Honesto e durão, Israel Pinheiro mais uma vez surpreendeu Benjamin ao afirmar que "genro meu não ganha acumulado". O presidente da Novacap preferiu demitir-lo a pagar os dois vencimentos.

Outra lembrança dos tempos da construção de Brasília, que

Benjamin não esquece, dá conta do estilo íntegro e da dignidade do presidente da Companhia Urbanizadora. "Havia um amigo meu de uma construtora que estava apertado, precisando de dinheiro. Como Israel era um dos diretores que assinava os cheques, dei um jeito de convencê-lo a fazê-lo o mais rápido porque tinha um mundo de cheques. A gente ficava até de madrugada naquele serviço. Ele assinou, mas com um porém. Nunca mais me peça isso, porque vão achar que estou sendo corrompido." O estilo correto e o jeito sério de administrar de Israel Pinheiro foram algumas das virtudes que o pioneiro guardou como lembrança do chefe e amigo e como um exemplo a ser seguido.

Além de diretor industrial da Sociedade de Abastecimento de Brasília — SAB, Benjamin também prestou serviços na Divisão Rural da Novacap, onde foi chefe da Divisão Imobiliária. Em meados de 1970, pediu demissão da Novacap para trabalhar como representante comercial.

## Raio X

**Nome:** Benjamin Jacob  
**Idade:** 75 anos  
**Origem:** Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a Brasília:** 1958  
**Profissão:** Funcionário público aposentado  
**Estado civil:** Casado  
**Esposa:** Maria Elisa Pinheiro Jacob  
**Filhos:** Breno, Maria Julieta, Maria Cristina, Maria Amélia e Maria Celina  
**Netos:** Heleninha, André, Camila, Bernardo, Marina e Giovana



## Edístio Carlos Fernandes

# Alegria e realização de ver a capital transferida para o centro do país

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Mesmo trabalhando na Companhia Comercial de Automóveis em Goiânia, em meados da década de 50, Edístio Carlos Fernandes já estava de olho no que acontecia do lado de cá, no Distrito Federal. A agitação constante no comitê de Juscelino Kubitschek em frente à companhia, onde ele passava praticamente todos os dias, chamava a atenção do baiano. “Eu sempre ouvia comentários de que Juscelino queria transferir a capital para o Planalto”, conta Edístio. Um dia, quando chegou em casa para o almoço, a esposa, Guiomar, lhe recebeu com um sorriso no rosto, questionando sobre um avião que havia sobrevoado sua casa. “Você viu aquele avião? Dizem que era o avião de Juscelino que ia para o Planalto Central”, exclamou Guiomar. “Era a primeira vez que ele vinha para Brasília”, lembra o gerente da Comercial de Automóveis. O agito da campanha eleitoral e os rumores sobre a construção de uma capital bem no centro do país deixavam o pioneiro ainda mais ansioso.

Ao ver que Juscelino “tomava as primeiras providências para a construção de Brasília”, Edístio não quis saber de outra coisa, tratou logo de pedir demissão

da empresa em que trabalhava, tamanho era seu entusiasmo.

Em setembro de 1956, o pioneiro foi apresentado ao presidente da Novacap, Ernesto Silva, num hotel de Goiânia. Depois de uma longa conversa sobre os planos para a construção da nova capital, veio o incentivo do amigo. “Edístio, eu fico muito feliz em saber que vocês vão levar uma transportadora para Brasília para nos ajudar.” O meio tempo entre o pedido de demissão e o encontro com Ernesto Silva foi suficiente para Edístio planejar a viagem. Ele fora convidado pelo proprietário da Transportadora Expresso Universo, de Goiânia, para ser o gerente da filial em Brasília.

Tudo certo, no dia 20 de outubro de 1956, muito antes da chegada da maioria dos pioneiros a esta região, ele e o colega Cacildo Bernardes dos Santos entraram numa caminhonete e vieram procurar um local para ins-

talar a empresa. A coragem e o gosto pelo desafio incentivavam ainda mais os desbravadores a se aventurar pela mata densa do cerrado. O cenário, ele ainda guarda fresco na memória. “Depois de dormir na cidade de Luziânia, chegamos à região por volta das nove da manhã. Passamos por um riacho (o córrego Vicente Pires) e chegamos à altura do Catetinho. Ele estava com apenas dois terços concluídos. O aeroporto estava todo em construção. Lá, tinha umas escavações enormes, muito grandes e um amontoado de cascalho. De lá, passamos numa pinguela e fomos para o Hotel Paniago, onde almoçamos e passamos a tarde descansando”, descreve.

### A procura pelo local

O descampado e a solidão do local impressionaram o baiano. “Não havia ninguém para dar informação. Descemos e anda-

mos em volta do hotel, mas não aparecia ninguém para nos informar nada.” Depois de um giro pelo local, foram para o acampamento da Novacap, onde desceram os materiais e resolveram iniciar a obra ali mesmo. “Colocamos o material no chão ao lado dos barracos. No local havia uma infinidade de barracos de lona, onde ficavam os funcionários e operários da Novacap.” Só depois de muita dificuldade, Edístio conseguiu levantar o barracão de tábuas e lona. Chovia muito no local e as fundações se enchiam de água. A felicidade dos colegas durou pouco. “O Victor Pellechia (italiano proprietário de um restaurante da região) passou por lá um dia e ouviu um barulho estranho que vinha de baixo do piso. Nós levantamos as tábuas e tinha um olho-d’água no local. Afomos obrigados a sair de lá”.

Depois de dois dias na região, Edístio resolveu voltar para

**NA CIDADE LIVRE, EDÍSTIO AJUDOU A CONSTRUIR O PRIMEIRO TEMPLO BATISTA DA CIDADE, ONDE QUINTA E DOMINGO HAVIA CULTO E NOS OUTROS DIAS FUNCIONAVA UMA ESCOLA**

Goiânia. Em dezembro do mesmo ano, o pioneiro foi procurado pelo diretor da transportadora, que lhe deu uma boa notícia. Havia encontrado um local para instalação da empresa na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). No dia 18 de dezembro, o gerente da filial contratou três mestres de obras e, junto com o colega Cacildo, voltou para o Distrito Federal. A caminhonete seguia na dianteira. Atrás, os caminhões traziam os materiais para a construção do depósito da transportadora. O endereço da filial era o centro da Cidade Livre — a Avenida Central —, onde mais tarde se concentraria todo o comércio da região. O galpão da empresa, construído em madeira, tinha 15 x 20 metros de comprimento. Funcionando também como dormitório, tinha espaço suficiente para a visita de clientes e motoristas e para as camas, colchões e redes trazidas de Goiânia. “Ficamos morando lá no galpão uns oito a dez meses, depois o Bernardo Sayão me ofereceu um lote na Segunda Avenida, onde fiz uma residência”, conta. A esposa e os filhos, que haviam ficado em Goiânia, porque aqui ainda não havia escolas, só puderam se mudar para a cidade depois de construída a casa.

O trabalho estava a mil. Os pedidos de material e a urgência

O desafio e o gosto pela aventura fizeram com que o pioneiro rumasse para o local onde seria construída a nova capital, em 1956, a fim de gerenciar uma transportadora

“**O TRABALHO AQUI ERA MUITO INTENSO. NINGUÉM DORMIA POR CAUSA DO BARULHO DOS CARROS E DA AGITAÇÃO. SÓ PARA TER UMA IDÉIA DE COMO ERA ISSO AQUI, A CIDADE LIVRE FOI CONSTRUÍDA MUITO RÁPIDO. EM MENOS DE SEIS MESES JÁ TINHA UMA FILA DE BARRACOS. ERAM AS PRIMEIRAS AVENIDAS**”

dos serviços aumentavam cada vez mais com a proximidade da inauguração de Brasília. A transportadora de Edístio tinha uma pilha de pedidos de entrega e funcionava até altas horas. Os clientes, mestres-de-obras, eram exigentes e tinham pressa no recebimento dos materiais. O sr. Cânio, um austríaco responsável pela construção do Congresso Nacional, era um deles. “Ele esteve lá na loja um dia e disse que estava esperando uma mercadoria urgente de São Paulo e que precisava recebê-la o mais rápido possível. Só que meu caminhão estava entregan-



**EDÍSTIO COM A FAMÍLIA: PREOCUPAÇÃO COM O ENSINO DE RELIGIÃO**

do outros pedidos e só chegou às 18h, quando então eu fui levar o material lá na obra. Ele e os operários já tinham se recolhido e ele me disse: ‘Isso são horas de me trazer o material?’ Eu propus a ele voltar no outro dia, mas ele preferiu acordar os colegas e receber a carga. Na hora ele ficou aborrecido comigo, mas depois ficamos muito amigos”, conta.

#### O ensino e a religião

A preocupação com a educação dos filhos e o evangelho vêm de berço. O pai de Edístio, Augusto Carlos Fernandes, era poliglota e professor de história do Ginásio Brasília, quando tinha 75 anos de idade. O filho tinha mesmo a quem puxar. Além da transportadora, Edístio ainda arrumava tempo para a construção da primeira igreja batista de Brasília e do primeiro templo batista da Cidade Livre, “um barraco de madeira no meio do cerrado”. Lá funcionava, às quintas e aos domingos, um culto e nos outros dias da semana uma escolinha. “O tempo não era nosso. Era do trabalho. Mas a gente tinha alegria em estar ali. Ninguém pensava no frio ou no sofrimento. Pensávamos em ver a cidade construída.” Com tanto trabalho não podia ser diferente. “O trabalho aqui era muito intenso.

Ninguém dormia por causa do barulho dos carros e da agitação. Só para ter uma idéia de como era isso aqui, a Cidade Livre foi construída muito rápido. Em menos de seis meses já tinha uma fila de barracos. Eram as primeiras avenidas.”

As dificuldades do início desafiavam os primeiros moradores, que buscavam nas costas as latas de água que iriam encher os tambores dos acampamentos. “Ih, quantas vezes eu saí de noite para desatolar caminhão nessas redondezas, num frio danado. Já dormi muitas vezes nas cabines e com fome”, desabafa. “Quando cheguei aqui nem luz tinha, a gente vivia sob a luz de vela”. As dificuldades só não eram maiores que o “ideal e a alegria de ver a capital transferida” para o centro do país.

Conhecido na região pelos inúmeros trabalhos, Edístio chegou até a entrar para a política. Antes da inauguração da cidade ele fora convidado para se candidatar a vereador da cidade de Luziânia. Eleito, de 1959 a 1963, o Cidadão Honorário de Brasília entrava para a Câmara Municipal com o respeito e a admiração dos moradores. Convidado para se candidatar à prefeitura de Luziânia, ele recusou. O motivo? “Eu teria que deixar

Brasília, por isso não aceitei.” O amor pela cidade falou mais alto.

Mas engana-se quem pensa que ele parou por aí. Após deixar o transporte, o membro do Clube dos Pioneiros foi admitido como corretor de imóveis da Novacap, no início da década de 60. “Eu ficava aborrecido quando chegava em São Paulo para vender os terrenos de Brasília, porque eles não acreditavam muito que isso aqui ia pra frente. Eles iam logo perguntando... Como é que está aquilo lá? Dizem que tem muito índio e onça na cidade... No Rio, não, o pessoal era mais simpático e acreditava mais na consolidação da nova capital.” Além de membro-fundador do Ginásio Brasília, no núcleo Bandeirante, Edístio também ajudou a fundar o Instituto Educacional de Brasília —, primeira escola particular da cidade e onde a esposa, Guiomar, lecionou.

A história de vida do pioneiro surpreende a todos. Casado há 63 anos com Guiomar, depois de dedicar anos ao ensino dos candangos e dos filhos, Edístio entrou para a faculdade, com mais de 50 anos. Hoje, o advogado formado pelo Ceub é um exemplo para as novas gerações.

## Raio X

**Nome:** Edístio Carlos Fernandes  
**Idade:** 90 anos  
**Origem:** Barra, Bahia  
**Ano de chegada a Brasília:** 1956  
**Profissão:** Advogado (ele se formou aos 60 anos de idade)  
**Esposa:** Guiomar Lopes Fernandes  
**Filhos:** Marina, Mariluci e Antônio Augusto  
**Netos:** Andréia, Ronaldo, Fernando, Ardisson Filho, Aline, José Bonifácio e Rafael Bisnetos;  
 Yuli, Mariana e Ana Beatriz

## PIONEIROS



Jorge Cauhy Júnior

# Filantropia e dedicação no Planalto Central

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Ao analisar o passado, hoje, aos 80 anos de idade, o mineiro Jorge Cauhy Júnior acredita que uma missão espiritual o trouxe a Brasília. Aos olhos dos mortos, esta missão parece ter sido bem cumprida. Presidente do Centro Espírita Sebastião, O Mártir, no Núcleo Bandeirante, Cauhy acumula em seu currículo a responsabilidade pela criação de entidades filantrópicas de finalidades variadas, como o Lar dos Velhinhos Maria Madalena, a Casa da Gestante Eurípedes Barsanulfo, a Casa da Sopa Bezerra de Menezes, a Creche Irmã Elvira, o Instituto de Apoio ao Portador de Câncer (IAPC) e o Instituto de Gerontologia de Brasília Morada do Idoso.

Mas a chegada do então recém-inaugurado Distrito Federal, em junho de 1960, se deu por acaso. Morador de Uberlândia (MG), Cauhy recebeu o convite de um amigo para administrar um posto de combustíveis em Alexânia. Na época casado com Lúcia de Sá Pinto Cauhy e pai de uma criança de um ano — a filha Paula —, Cauhy resolveu aceitar. O trato com o conhecido, entretanto, não foi cumprido e o mineiro decidiu se arriscar na cidade sobre a qual todos falavam: Brasília.

Mecânico desde garoto, Cauhy chegou à Cidade Livre a bordo de uma rural, espécie de caminhonete da época, ideal

Arquivo pessoal



para as condições de Brasília, que, embora já inaugurada, ainda era um imenso canteiro de obras. O automóvel foi o passaporte para o início da vida no Planalto Central. "Troquei a rural por uma barbearia na Segunda Avenida da Cidade Livre e instalei lá uma oficina, a Auto Mecânica Cauhy", conta.

## Lembranças

Não havia nada parecido com a Cidade Livre. Formada por três

avenidas, tudo era construído de madeira. Não havia energia elétrica e tampouco água encanada. "A energia era de geradores e a água vinha de uma mina a três quilômetros da cidade, onde enchíamos nossos tambores", diz Cauhy.

O aglomerado de barracos, entretanto, era cheio de charme. Ponto de chegada da maioria dos candangos, a cidade era repleta de restaurantes típicos das diversas regiões do Brasil. O

**O TRABALHO SOCIAL ERA UMA CONSTANTE NA VIDA DE JORGE, DESDE SUA MUDANÇA PARA A CIDADE LIVRE**

número reduzido de mulheres incomodava, mas não reduzia o entusiasmo dos trabalhadores, que festejavam nos finais de tarde pelas ruas, bares e botecos do futuro Núcleo Bandeirante. "Lembro-me de um baile em que não foi nenhuma mulher e os homens fizeram a festa assim mesmo", conta Cauhy.

No Plano Piloto, muitas quadras permaneciam incompletas e a avenida W3 Sul, principal endereço comercial de Brasília, não estava completamente asfaltada e pavimentada. Na Esplanada, os ministérios que já estavam prontos funcionavam a todo vapor, mas a vista mais privilegiada da capital mudaria muito com o passar dos anos.

Em seus discursos e pronúncias, o presidente Juscelino Kubitschek continuava a convidar os brasileiros de todos os estados a vir para o Planalto Central e ajudar a consolidação da nova capital do país. "A sensação que tínhamos ao ouvi-lo era de esperança por um país melhor", declara Cauhy.

## Sucesso

Para felicidade do mineiro, que já estava encantado com a vida de improvisos no Distrito Federal, em pouco tempo seu trabalho como mecânico tornou-se famoso e o número de clientes impressionante. "Naquele tempo era incrível, as pessoas chegavam e queriam o serviço, não importava o preço", recorda-se. "A diferença entre o trabalho

aqui e em Uberlândia, onde morava, era espantosa, ganhávamos no mínimo o dobro na Cidade Livre", completa.

Com o excesso de demanda, aos poucos a oficina, que só trabalhava com mecânica, passou a cuidar também de pintura, lanternagem e outros serviços da área. "Comprava os equipamentos de trabalho em São Paulo", afirma.

Como a maioria das famílias de candangos, Cauhy, a esposa e a filha viviam nos fundos da oficina. Permaneceram assim até a década de 80, quando um financiamento junto ao Banco do Brasil permitiu ao mineiro comprar um terreno na Avenida Central da cidade, que na época já se chamava Núcleo Bandeirante. No lote, Cauhy construiu um prédio onde montou o Hotel Lord's e o Mercado Candangão.

## Projetos sociais

Acostumado a obras sociais e à prática da doutrina espírita kardecista, não demorou muito para que Cauhy passasse a frequentar o Centro Espírita Sebastião, O Mártir (Cesom). Inaugurada em 1958, em 1961 Cauhy passaria a ser o presidente da entidade, permanecendo assim até hoje.

As obras sociais do Cesom tiveram início em 1962. No barraco de madeira onde ficava a sede do centro, Cauhy e os demais integrantes organizavam cortes de cabelo, distribuição de sopa, arrecadação de agasalhos e cobertores e outras atividades



## PIONEIROS

Em 1960, o pioneiro saiu de Uberlândia para administrar um posto de gasolina em Alexânia. Não deu certo e ele resolveu tentar a vida na nova capital

JORGE E A FAMÍLIA:  
TRABALHO  
SOLIDÁRIO EM  
BRASÍLIA



“  
NAQUELE  
TEMPO ERA  
INCRÍVEL, AS  
PESSOAS  
CHEGAVAM E  
QUERIAM O  
SERVIÇO, NÃO  
IMPORTAVA O  
PREÇO. A  
DIFERENÇA  
ENTRE O  
TRABALHO  
AQUI E EM  
UBERLÂNDIA,  
ONDE  
MORAVA, ERA  
ESPANTOSA.  
GANHÁVAMOS  
NO MÍNIMO O  
DOBRO A MAIS  
NA CIDADE  
LIVRE”

beneficentes. “Todos os sábados, cortávamos o cabelo de 30 crianças aproximadamente”, recorda.

Mas foi a partir da década de 70 que a administração de Cauchy passou a marcar de forma definitiva a ação da entidade no Núcleo Bandeirante. Em 1978, o mineiro conseguiu a doação de três terrenos na Terceira Avenida da cidade, onde foram montados um albergue com 70 leitos, a nova sede do centro espírita e uma escola de capacitação profissional.

Pouco tempo depois, com recursos arrecadados em um bingo, organizado no estádio Mané Garrincha e que reuniu 30 mil pessoas, em 1984, Cauchy deu início à construção do Lar dos Velhinhos Maria Madalena, em outro terreno no Núcleo Bandeirante, onde até hoje está a instituição.

A cada ano, uma nova obra de cunho social era inaugurada pelo Cesom. Depois de algum tempo funcionando na Terceira Avenida, o Albergue passou para

outro terreno de 32 mil metros quadrados e a sede antiga deu lugar à creche Irmã Elvira e à Casa da Sopa Bezerra de Menezes. Com o tempo, foram criados também o Instituto de Apoio ao Portador de Câncer e o Instituto de Gerontologia de Brasília.

**Cidadão do Bandeirante**  
Cauchy nunca quis deixar o Núcleo Bandeirante. Quando fala de lá, se refere à “cidade mãe de Brasília”. O carinho pelo lugar que o acolheu o fez participar como secretário da comissão formada para reivindicar a fixação da cidade. “Quando João Quadros assumiu a Presidência, queria acabar com a Cidade Livre e inaugurar a Vila Maria”, conta. “Os protestos começaram ali, quando ele disse que derrubaria as casas para construir algo que não fosse um acampamento de obras”, conclui.

A idéia era mandar todos para a Asa Norte e Taguatinga, cerca de 20 mil pessoas. Poucos aprovavam a medida do gover-

no, dando força ao movimento formado por nomes como Brendo da Silveira, Joaquim Garcia Neto, Abel Pereira da Costa e Ovídio Orion, além de Cauchy. “Nos reuníamos cada dia na casa de um membro da comissão até que conseguimos aprovar no Congresso a Lei 4.020, que dava direito à manutenção de toda a Cidade Livre”, revela.

A mudança do nome da cidade aconteceu em 1968. Na época, segundo o mineiro, a cidade ainda era formada na sua maioria por construções de madeira. Aos poucos, a cidade foi se transformando e hoje 99% das edificações são de alvenaria.

Atualmente, além de continuar à frente das obras que ajudou a criar, Cauchy lidera a construção do primeiro hospital geriátrico de Brasília, também no Núcleo Bandeirante. O projeto, de sua autoria, foi aprovado na Câmara Legislativa por unanimidade. A obra teve início em fevereiro de 2003 e ainda não tem data definida para sua inauguração.

## Raio X

**Nome:**  
Jorge Cauchy Júnior  
**Origem:**  
Uberaba, Minas Gerais  
**Idade:**  
80 anos  
**Ano de chegada a Brasília:**  
1960  
**Profissão:**  
Deputado distrital  
**Esposa:**  
Zoraida Lima Gomes  
Cauchy  
**Filhos:**  
Paula Fabrícia, Paulo Estevão, Jorge Luciano, Carla Gabriela, Ana Carine  
**Netos:**  
Bárbara e Sofia

## PIONEIROS



Pedro Martins Borges

# O tino para os negócios facilitou a vida na cidade

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

O mineiro Pedro Martins Borges estava presente na ocasião em que o presidente Juscelino Kubitschek foi indagado por Antônio Soares Neto — o Toniquinho — sobre a inauguração da capital da República no Planalto Central. O fato aconteceu em 1958, durante um pronunciamento de JK, em Jataí (GO). A resposta do presidente foi suficiente para entusiasmar o mineiro e tantos outros ali presentes a participarem da mudança, que representaria o desenvolvimento do interior do país.

Na época, Borges era dono de um armazém na pequena cidade goiana, onde vendia ferragens e artigos para fazendeiros. A passagem de JK por sua cidade despertou-lhe o interesse de conhecer a região onde estava sendo construída a futura capital federal. A visita aconteceu em setembro de 1958.

O movimento de pessoas na Cidade Livre, ponto de chegada da maioria dos candangos, era impressionante. "Parecia um formigueiro de gente andando de um lado para outro", conta. "Mesmo embaixo de chuva e com lama sobre as canelas, os forasteiros transitavam pelas ruas da cidade, dia e noite", completa. Alguns dias imerso no clima que tomava conta da cons-

trução da cidade foram suficientes para convencer Borges a embrenhar-se na aventura de se juntar aos primeiros trabalhadores da nova capital.

Na volta para Jataí, o mineiro estava decidido a partir novamente para o Planalto Central, desta vez, munido de algo que pudesse se transformar em negócio. Acompanhado do primo, Nivaldo Pelegrino, a bordo de um caminhão carregado de madeira, Borges partiu, nos últimos dias de 1958, pela segunda vez, em direção a Brasília.

A viagem demorou três dias e o caminhão teve problemas por causa de um trecho de 300 quilômetros de terra. A chegada à Cidade Livre, no primeiro dia de 1959, daria início a um ano cheio de novidades. Nos primeiros 15

dias do mês, não parou de chover na região da nova capital. O clima, entretanto, não diminuía em nada o ritmo de trabalho das pessoas que aqui estavam.

A madeira transportada na viagem rapidamente foi vendida e em pouco tempo Borges descobriu uma forma de ganhar dinheiro na futura Brasília: vendendo areia para as construtoras da cidade. O lugar de retirada do material ficava próximo à Cidade Livre. A procura era incrível, de modo que, nos 30 dias seguintes, o mineiro não fez outra coisa. A estadia em Brasília, entretanto, ainda não seria definitiva.

Passado um mês, o mineiro retornou a Jataí. No caminho, vendeu o caminhão em Anápolis (GO) e adquiriu um modelo melhor. Com o novo meio de trans-

porte, mais potente, foi ao Mato Grosso fazer um carregamento de arroz. No retorno para Brasília, vendeu o produto em Anápolis.

De volta ao Planalto Central, o comércio de areia continuava sendo a opção mais fácil e lucrativa para o forasteiro. Além disso, a sorte começava a soprar para seu lado. Nas ruas da Cidade Livre, Borges se deparou com um amigo, Lincoln Romano, que estava trabalhando nas construções da nova capital justamente com o comércio de areia. Borges ganhava então o primeiro cliente fixo. Depois de 30 dias, a mina da Cidade Livre já não era mais a única fonte do material, que passou a ser coletado em outras cidades próximas, como Alexânia e na região do salto do Corumbá.

O MOVIMENTO DA  
CIDADE LIVRE  
CONTAGIOU PEDRO,  
QUE DECIDIU TENTAR A  
VIDA EM BRASÍLIA

## Taguatinga

No primeiro ano de vida em Brasília, Borges ficou instalado em um barraco de madeira no final da Avenida Central da Cidade Livre, com outros sete motoristas de caminhão. Embora o clima de camaradagem no Planalto Central fosse uma constante, o mineiro não achou fácil fazer amigos de verdade. De todas as pessoas com as quais conviveu, recorda-se de dois que se tornaram companheiros — os baianos Pedro Daniel e Ismael.

Em 1960, com a necessidade de trazer a esposa, Ana Marlene Oliveira Borges, de Anápolis para cá, decidiu procurar uma moradia onde pudesse abrigá-la. Escolheu Taguatinga. "A Cidade Livre era muito bagunçada para viver em família, e no Plano Piloto os terrenos eram muito caros", afirma.

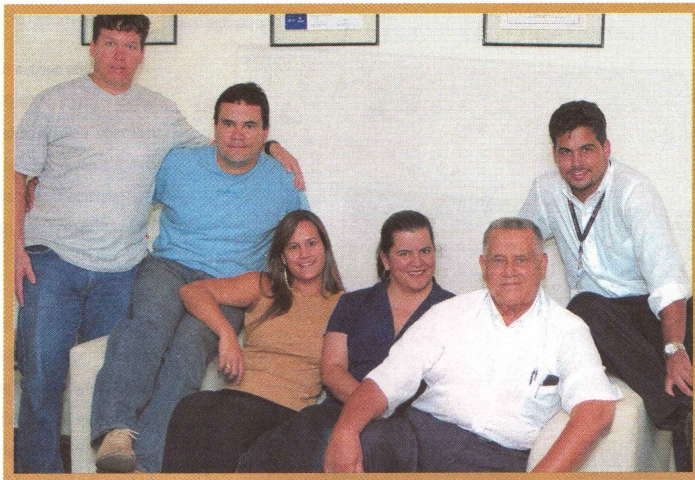
Taguatinga estava se formando, com poucas casas, todas de madeira, e algumas ruas abertas. Na entrada da cidade, recorda de um barracão e um boteco onde se vendia comida. O lote escolhido para construir sua primeira moradia no Distrito Federal ficava numa rua onde, tempos depois, seria formada a Avenida Comercial Norte.

No terreno de 400 metros quadrados, adquirido junto à Novacap, construiu um barraco de madeira de 18 metros quadrados. O valor do lote era 24 mil

## PIONEIROS

O pioneiro veio conhecer o local onde estava sendo construída a nova capital, ficou contagiado com o espírito dos trabalhadores e decidiu participar da aventura

PEDRO, A ESPOSA, NEUZA, E OS FILHOS, QUASE TODOS NASCIDOS NA CIDADE



cruzeiros, que foram parcelados em 12 vezes. "Eu tinha fé que Taguatinga ia crescer se tornar o que é hoje", revela.

O comércio continuou sendo a fonte de renda da família. E não faltava cliente para a compra do produto. "Às vezes, estávamos sem dinheiro nem para comprar comida e alguém de repente aparecia interessado em quatro caminhões de areia", diz. "E tudo era pago à vista", completa. Os compradores iam a Taguatinga procurar os carregadores de areia porque já sabiam da existência de trabalhadores como Borges por lá.

Uma venda como a citada pelo mineiro era suficiente para abastecer a família durante um mês. Ainda sem filhos, a esposa de Borges também aprendeu a dirigir o caminhão e passou a acompanhá-lo até as minas de areia para ajudá-lo no serviço. A primeira filha do casal, Simone, nasceu em Anápolis em meados de 1960.

### Melhorias

No ano seguinte, outra coincidência o aproximou de Alcir Mender, um amigo que tinha contrato de venda de areia para a Novacap, que lhe ofereceu o melhor negócio até então na capital federal, que já estava inaugurada. A cada 15 dias, Mendes compraria toda areia carregada de Corumbá por Borges à vista. O material foi usado na construção da Barragem do Paranoá.

Nas viagens que fazia para levar a areia até a obra, o mineiro recorda-se de ter duvidado que o Lago atingiria o nível a que chegou. "Vi uns engenheiros marcando uma área no início do La-

go Sul, próximo ao balão do aeroporto, que era o caminho que eu usava, e parei para ver o que faziam", conta. "Quando eles me disseram que ali era até onde o Lago chegaria, não acreditei porque estava muito longe do pequeno córrego que conhecíamos e daria origem àquilo", conclui.

Dois anos mais tarde, os recursos economizados com a venda de areia possibilitaram ao mineiro melhorar as condições de moradia. Ao lado do barraco de madeira, construiu mais 36 metros quadrados de alvenaria. Taguatinga já tinha outro aspecto, e crescia de forma avassaladora, após a chegada dos moradores da extinta invasão do IAPI, que ficava perto da Cidade Livre. A rua onde morava já havia se transformado na Avenida Comercial Norte.

O comércio de areia continuou até 1965. Em 1966, o material foi trocado por grama. Antes disso, entretanto, Borges já havia formalizado sua atividade no Distrito Federal, criando a empresa Borges Amazilis Ltda., especializada na abertura de valetas para o Departamento de Água e Esgoto (DAE). "Achei que seria um bom negócio porque

não havia muita gente fazendo aquilo", afirma.

Depois de algum tempo, a mesma sensibilidade para os negócios fez com que mudasse de atividade novamente, montando a Empreiteira Auxiliar de Obras (Empal). Com a Empal, Borges candidatou-se ao plantio de grama na nova capital para a Novacap e ao serviço de limpeza profissional em órgãos públicos, como o extinto Hospital do IAPI, primeiro contrato fechado pela empresa.

A grama era colhida em Cristalina (GO) ou Paracatu (MG) e plantada em diversos lugares do Distrito Federal, como as áreas verdes do Eixão Norte, as descidas dos viadutos próximos à Catedral e a urbanização da Estrada Parque de Taguatinga (EPTG). A cada concorrência, os contratos ficavam maiores, fazendo com que os trabalhos exigissem até cem trabalhadores.

Na década de 70, a Empal passou a concorrer em licitações para administração de obras. "Via os editais nos jornais e decidia me candidatar", conta. A iniciativa deu tão certo que, por volta de 1978, a Empal chegou a trabalhar com 3,8 mil funcionários e qua-

tro engenheiros responsáveis. Entre as principais obras concluídas, Borges destaca a construção de 15 casas HP3 na W3 Sul, o hotel Planalto e o hospital São Mateus, no Espírito Santo.

O crescimento exagerado da empresa assustou o comerciante, e em 1979, Borges vendeu a empresa com 25 contratos fechados. "Quería voltar a ter contratos menores", justifica.

Nesta época, o mineiro e a família já não viviam em Taguatinga. Sua primeira casa continuava em sua propriedade, mas a família mudou-se para uma casa na 706 Sul, em 1977. "Minha filha estudava no Elefante Branco, que era um dos melhores colégios da cidade, e era muito desgastante o trajeto de Taguatinga até lá", afirma. O terreno em Taguatinga terminou sendo vendido para as lojas Nacional Modas e Brasília Esportes, em 1980.

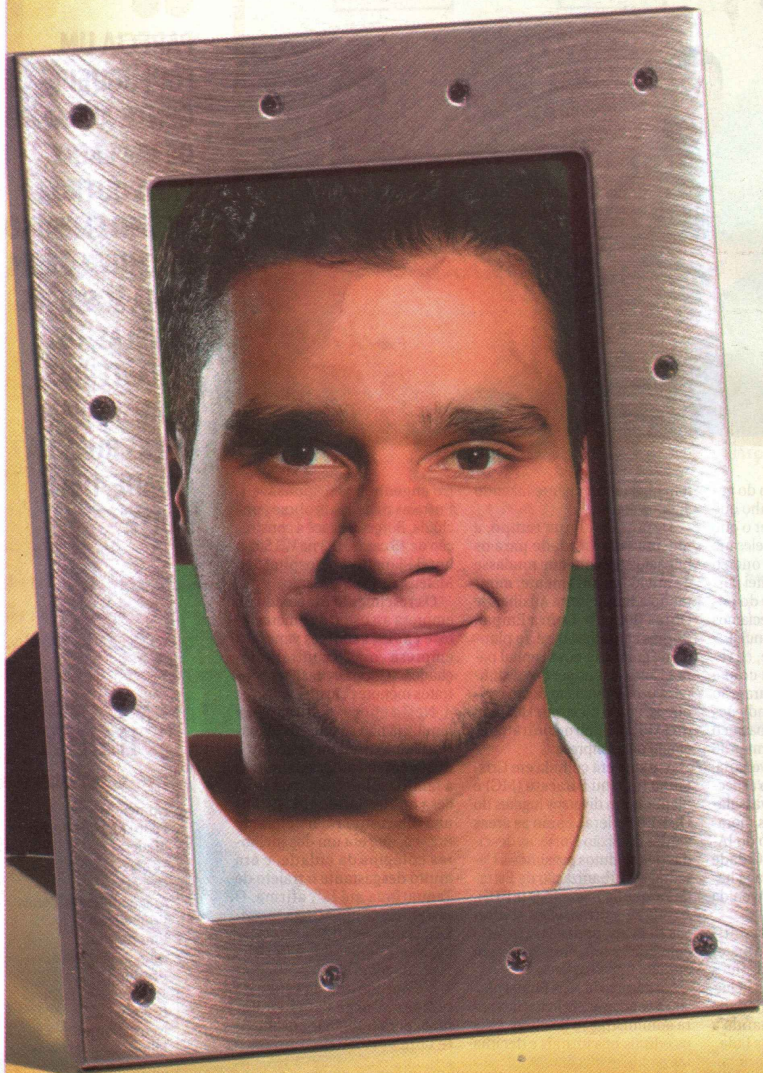
No mesmo ano da venda do terreno, Borges abriu a Reman, para trabalhar novamente com serviço de limpeza e administração de obras. A empresa familiar começou com 18 funcionários e hoje emprega 2 mil pessoas.

“ PARECIA UM FORMIGUEIRO DE GENTE ANDANDO DE UM LADO PARA OUTRO. MESMO EMBAIXO DE CHUVA E COM LAMA SOBRE AS CANELAS, OS FORASTEIROS TRANSITAVAM PELAS RUAS DA CIDADE, DIA E NOITE ”

### Raio X

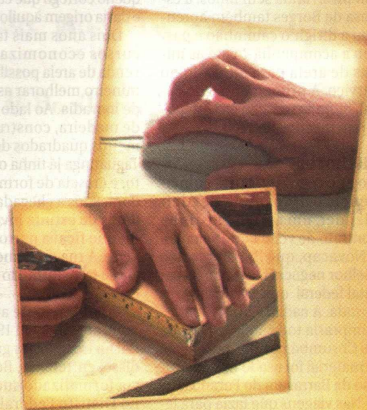
**Nome:** Pedro Martins Borges  
**Idade:** 76 anos  
**Origem:** Araguari, Minas Gerais  
**Profissão:** Empresário  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Esposa:** Neuza Borges  
**Filhos:** Simone, Marcelo, Teldo, Núbia Adriana e Paulo Adriano

**BETO SÓ QUERIA UMA OPORTUNIDADE PARA MUDAR DE VIDA,  
MAS NÃO ESPERAVA QUE ELA VIÉSSE ACOMPANHADA DE R\$ 150,00,  
LANCHE E VALE-TRANSPORTE.**



Beto andava meio sem rumo até conhecer o **Serviço Civil Voluntário** do GDF. O programa, realizado pela Secretaria de Trabalho em parceria com a Comunidade Luterana Cantinho do Girassol, leva qualificação social e profissional para jovens de 16 a 24 anos. Cada participante recebe uma bolsa mensal de R\$ 150,00, lanche diário e vale-transporte durante o semestre do programa. Beto voltou a estudar, aprendeu marcenaria e informática e encontrou seu caminho. Além do Beto, outros 131 jovens estão sendo beneficiados pelo programa, que também conta com a participação das secretarias de Educação, Ação Social e Segurança Pública, BRB e Agência de Desenvolvimento Social.

**SERVIÇO CIVIL VOLUNTÁRIO.**  
QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E SOCIAL PARA JOVENS DE 16 A 24 ANOS.



Agência de Desenvolvimento Social

